

CONTRA A INTERNACIONALIZAÇÃO

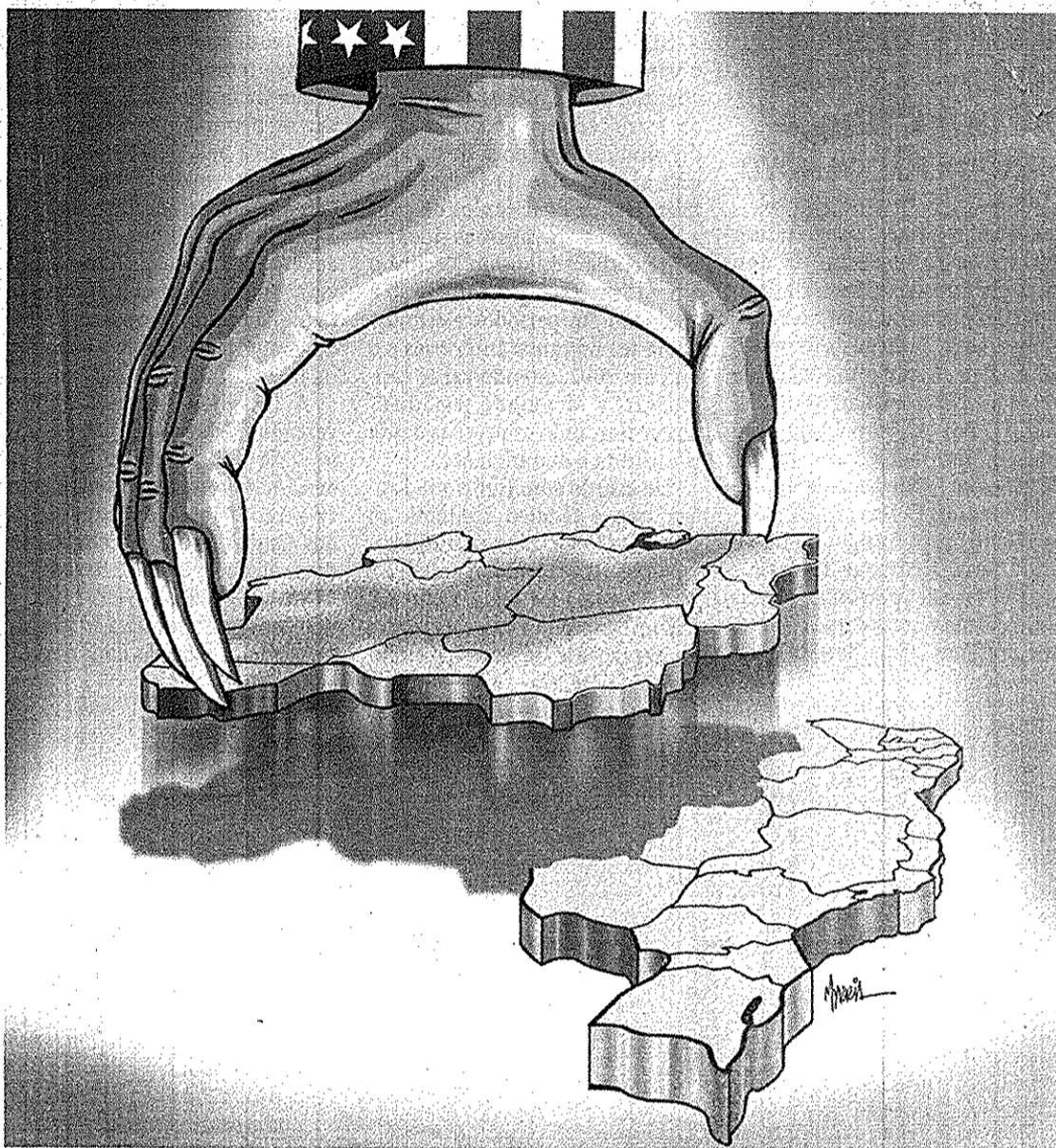
'Caboclo e índio defendem a Região Amazônica'

EX-COMANDANTE DO CMA, PARLAMENTARES E PROFESSOR DA UA VÊM COM DESCONFIANÇA A PESQUISA EM QUE 13% DOS MANAUENSES QUEREM A PRESENÇA AMERICANA

A pesquisa de opinião pública da Perspectiva Mercado e Opinião, encomendada e divulgada por A CRÍTICA, no último domingo, surpreendeu muita gente ao registrar que 13,6% das pessoas ouvidas são a favor da internacionalização da Amazônia. Na hipótese de um plebiscito com 700 mil eleitores - número equivalente ao eleitorado da capital amazonense -, este porcentual significaria mais de 95 mil pessoas dispostas a abrir mão da região. Realizada em Manaus nos dias 13 e 14 de novembro deste ano, a pesquisa também apresentou outro dado significativo para o Estado: mais de 64% dos entrevistados é contra a divisão territorial do Amazonas.

Ex-comandante militar da Amazônia, o general Taumaturgo Sotero Vaz analisa os resultados da pesquisa com uma certa desconfiança. Segundo ele, é possível que, a exemplo do que acontece com algumas pesquisas eleitorais, esta também não corresponda à realidade. O porcentual de 13,6% a favor da internacionalização pode ser creditado, na opinião de Taumaturgo, a "interesses não confessados", estimulados por estrangeiros e que tanto podem ser políticos quanto econômicos.

"Acho muito difícil alguém que é daqui querer abdicar de nossa soberania, de nossa intocabilidade, do nosso solo. Além do mais não existe esse risco. A estratégia de internacionalização já foi definida por vários mandatários, de vários países, mas é muito difícil ser concretizada", garante o general de reserva. Lembrando que essas estratégias são tão importantes que tiveram influência até na eleição americana, Taumaturgo explica que, pela força, é quase impossível que nos tomem a Amazônia.



"A região é defendida há 350 anos pelo índio, pelo caboclo, que estão acostumado com a selva", afirma. Além disso, as Forças Armadas brasileiras elaboraram uma estratégia para impedir a internacionalização. "Nossos soldados sabem onde tem raiz para ele comer, sabe quais são as frutas que ele pode usar para se alimentar. Os outros dependem de todo um sistema logístico e ainda tem que lutar contra as doenças tropicais, que acabam sendo nossas grandes aliadas", brinca.

A estratégia das Forças Armadas, que hoje tem mais de 20 mil homens na região, abrange também, segundo o general, a ocupação do território pelas populações indígenas e do interior. "Não só de defesa (a estratégia), mas de colonizar, criar condições de que a região seja povoada

e que tomemos a posse efetiva desse patrimônio que é nosso".

INADMISSÍVEL

Também adepto da ideia de que a internacionalização não se configura um perigo real, o senador Jefferson Péres (PDT) credita o porcentual de 13,6% a uma "pergunta mal formulada ou à completa desinformação dos entrevistados". "A

internacionalização é inadmissível para qualquer brasileiro, principalmente para os manauenses. O perigo, no meu entender, não existe. Nem deveríamos nos ocupar do tema, não temos porque ficar comentando uma hipótese tão fantasiosa", completa.

Antigo militante da área ambiental, o deputado estadual Eron Bezerra diz que não surpreendeu com o resultado da pesquisa. "Esse dado (13,6% a

favor da internacionalização) para mim não é surpresa. Ele corresponde mais ou menos à percepção prática de quem milita na área há muitos anos. É um porcentual extremamente elástico para o tamanho do absurdo", afirma Eron.

Para o deputado, o quadro mais grave apontado pela pesquisa é que 31% dos que se colocaram contra a internacionalização "mudaram de ideia" quando estimulados pela ideia de que ela traria melhores salários e melhorias na área da saúde e educação. "É mais grave porque mostra que as pessoas não tem noção de soberania, o que não me surpreende, mas também me causa espécie", diz ele, para em seguida apontar que o grau de consciência varia de acordo com a base material objetiva que as pessoas vivem.

AÇÕES ESTRANGEIRAS DISFARÇADAS

Átila Lins alerta para o perigo

A internacionalização da Amazônia, considerada uma hipótese remota tanto pelo general de reserva Taumaturgo Sotero Vaz, quanto pelo senador Jefferson Péres, é encarada de outra forma pelo

deputado federal Átila Lins (PFL-AM). Presidente de uma CPI que investigou a questão em 1991, Lins diz que mais preocupante do que o resultado da pesquisa é a atual situação da Amazônia e o também real perigo de uma invasão por

narcotraficantes colombianos seguidos de tropas americanas. A pesquisa revelou que 66% dos entrevistados também temem a invasão.

"Existe uma internacionalização a caminho. Uma internacionalização que a gente não vai nem percebendo porque não é feita pela força. Ações detectadas ainda em 1991 prometiam deixar, a médio e longo prazo, a região vulnerável", afirma Átila, citando a existência de mais de mil aeroportos clandestinos e de milhares de missionários estrangeiros na região como exemplos. Além disso, segundo o deputado, muitas das ações promovidas no exterior para "preservar a floresta" - que impedem o desenvolvimento - são camuflagens

para forças poderosas que estão tomando conta do território. O Estado de Roraima, que tem 53% do território demarcado como reserva indígena e o território Ianomâmi seriam, na verdade, "reservas" internacionais. O porcentual de pessoas favoráveis à internacionalização não é, segundo Átila, fator preocupante na questão, pois, corresponde àqueles "que estão atravessando dificuldades no momento e, descrentes de possíveis melhoras, sonham, talvez erroneamente, em mudar de vida". Para o deputado, o maior "perigo" vem do Governo Federal, que, ao não desenvolver ações eficientes para integrar a região no contexto do Brasil, acaba contribuindo para que a Amazônia fique cada vez mais distante.